

***A última tragédia*, de Abdulai Sila: início de conversa com a literatura guineense**

***A última tragédia*, by Abdulai Sila: the beginning of a conversation with the Guinean literature**

GENIVALDO RODRIGUES SOBRINHO*

Entre as literaturas de língua portuguesa, certamente a guineense é das menos conhecidas no Brasil. Este desconhecimento se dá em virtude do tardio desenvolvimento na própria Guiné-Bissau, em que, diferentemente de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe, o sistema educacional foi ignorado pelo colonizador. Neste, apenas uma ínfima parcela da população alcançava os bancos escolares, fazendo com que, de certa forma, a ausência de autores acabasse por retardar a criação da imprensa no país.

*A última tragédia*¹ foi o primeiro romance guineense publicado no Brasil. Anteriormente, o que se tinha de literatura da Guiné-Bissau em solo brasileiro se limitava a antologias poéticas, algumas delas organizadas por intelectuais brasileiros. Seu lançamento pode contribuir para que o desconhecimento da literatura e da cultura deste país seja minimizado.

Abdulai Sila nasceu em 01 de abril de 1958, em Catió. Coursou Engenharia Eletrotécnica na Alemanha. Retornou a Bissau, onde, conforme Moema Augel, “foi um dos que constituíram o pequeno núcleo de intelectuais fundadores do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, INEP, instituição de reconhecimento internacional, que desenvolve estudos teóricos e aplicados na área das ciências políticas, econômicas e sociais” (prefácio de *AUT*, p. 7).

* Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: genivaldosobrinho@gmail.com.

1. Daqui por diante citado como *AUT*.

O romance se desenvolve em torno da personagem Ndani, nativa de Biombo, que se retira para Bissau, à procura de emprego e da tão sonhada liberdade de uma espécie de maldição. Segundo o feiticeiro da aldeia, era “portadora de um mau espírito, da alma de um defunto mau, e lhe vaticinara consequentemente uma existência turbulenta, uma vida de desgraça, de tragédias até o fim...” (*AUT*, p. 27). É apresentada por um narrador em terceira pessoa, onisciente, como uma jovem ingênua, resignada e com aguçada curiosidade de aprender sobre a vida do branco.

Ao chegar à cidade e, depois de um dia inteiro de perambulações, fome e sede, finalmente Ndani é aceita como serviçal na casa de Dona Maria Deolinda, esposa de um funcionário português, o Sr. Leitão. A jovem é discriminada, agredida e resignada às ordens da patroa: “Ainda esquecera a bofetada que lhe dera um dia quando o gato comeu uma posta de peixe [...] às vezes insultava, chamava nomes feios, palavras que ela não entendia” (*AUT*, p. 31).

Conforme o tempo passa, Dona Linda, carente por estar longe dos filhos e pela pouca atenção do marido, começa a tratar a criada com mais afeto. O bom relacionamento entre Ndani e os patrões termina da pior maneira: é violentada pelo patrão. O narrador conclui o segundo capítulo em poucas linhas, apenas mencionando esta tragédia para Ndani. Afinal, o fato fala por si.

Em “O poder do pensamento”, é apresentado o Régulo de Quinhamel, Bsum Nanki, que governava com ajuda de três conselheiros, o que causa estranheza a muitos por ser uma prática do branco, mas o chefe acredita ser importante ouvir os outros para não decidir sozinho.

Verifica-se uma aproximação entre o régulo e o narrador que lhe dá voz e manifesta seu pensamento, expondo sua defesa em favor do negro. Este demonstra resistência ao branco e não aceita a colonização. O narrador demonstra comungar com o régulo e, inclusive, muitas vezes, ao dar voz à coletividade, manifesta sua defesa a favor do colonizado ao usar da ironia em afirmações como “o branco trabalha pouco, mas pensa muito, o preto trabalha muito, mas pensa pouco” (*AUT*, p. 64-65).

Nessa espécie de voz da coletividade, o narrador, anônimo, conta a história e traz à tona a experiência, o pensamento dos negros, o que nos leva a Walter Benjamin (1996, p. 198), quando afirma que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores” e que “entre as

narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narrados anônimos” (*Ibidem*, p. 109).

A criação da personagem Bsum Nanki aparenta ser um recurso do autor para demonstrar a sabedoria do homem africano em conduzir os rumos da África dominada pelo colonizador, uma vez que a imagem do africano é estereotipada: é visto como submisso, que não reage perante desmandos do europeu. Contudo, o pensamento revolucionário do negro viria a se concretizar com a revolução que levou a Guiné-Bissau a conquistar sua independência, em 1973. Desta forma, o narrador dá uma espécie de receita (o pensamento) para que o povo guineense se livrasse do domínio português.

Humilhado pelo poder do branco, o Régulo premedita uma maneira de vingarse contra o poder estabelecido e decide construir uma grande casa, semelhante à do Chefe. Concluída a construção, sente necessidade de arranjar nova esposa, assimilada e capaz de administrar o lar para efetivar a vingança. Neste sentido, provaria que era detentor de poder e recursos financeiros também.

Ndani é a escolhida por ser jovem detentora da cultura portuguesa: “Ela representava também o seu rejuvenescimento, novas energias de que precisava para a longa luta que ainda tinha pela frente” (*AUT*, p. 92).

Segue a derrocada do Régulo, que abandona a grande casa e passa a viver recluso até morrer. Antes, porém, havia mandado construir uma escola em Quinhamel, considerando que os portugueses desconheciam a urgência de investir em educação na Guiné.

A criação da escola coloca em cena outra importante personagem, um jovem professor, assimilado, defensor dos costumes africanos, que, ao se apresentar ao Régulo, tem um primeiro contato com Ndani. Morto o Régulo, ele parte com Ndani para Catió, para “viver[em] juntos em paz e em sossego, ver o filho crescer todos os dias, estar à vontade com a vizinhança” (*AUT*, p. 120).

No entanto, a maldição continua a perseguir Ndani, ela carrega o estigma da tragédia. A mudança, que deveria trazer paz e sossego sem os olhares “das ameaças e da recordação permanente de castigo, de tragédia...” (*AUT*, p. 120), não altera o destino do casal; ao contrário, este vai ser cumprido lá. O Professor e Ndani não estão fugindo do destino, estão sendo levados ao seu encontro, carregando a marca da tragédia, como na antiga Grécia. Em Catió, convidado a participar de uma partida de futebol na vinda do novo Administrador, recusa o convite, procurando distanciar-se das autoridades. Mas Nda-

ni, pensando em melhorar a relação do marido com o Administrador, força-o a jogar, sem saber que conduzia o marido ao encontro de fatídico martírio.

Para não se vender, procura um meio-termo, aceita jogar, desde que no time dos solteiros, formado por “tudo quanto era preto” (*AUT*, p. 141), o que descontentou as autoridades. Caçado em campo pelo filho do novo Administrador que não consegue marcá-lo, ao revidar uma jogada violenta do rapaz, leva uma bofetada do pai do moço, que reage ao se lembrar da morte do pai, morto quando ele era criança. Para piorar, pouco depois o Administrador é encontrado morto. A morte não é explicada, ele é preso acusado do homicídio e, mesmo com testemunhas que afirmavam sua inocência, é degredado para São Tomé.

Ndani ainda sonha com a liberdade do marido e volta em vão ao porto em Catió à sua espera. A narrativa se encerra com ela perturbada em meio a uma cena “mística”, trágica, com “a água à sua volta dançando a um ritmo frenético” (*AUT*, p. 168), num ambiente turvo e tenebroso de uma grande tragédia.

A leitura de *A última tragédia* é um convite à revisitação do passado colonial português na Guiné-Bissau. Por meio dela, revisita-se a ideologia do colonizador e o tratamento dispensado ao negro em sua terra, tomando como base três personagens: o Régulo, representante da resistência em seu país; o Professor, o aculturado que usa o conhecimento do branco como arma contra o abuso; e Ndani, a assimilada que luta contra o trágico destino de muitas mulheres africanas.

Referências bibliográficas

- AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escombros*: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BISPO, Érica Cristina. O livro como arma: entrevista com Abdulai Sila. Disponível em: <<http://www.omarrare.uerj.br/numero13/pdfs/erica.pdf>>. Acesso: out. de 2011.
- _____. Resenha. In: *Revista África e Africanidades*. Ano I, n. 3, nov. 2008. Disponível em: <<http://www.africaeaficanidades.com>>. Acesso: out. de 2011.
- FINAZZI-AGRÓ, Ettore; VECCHI, Roberto (orgs.). *Formas e mediações do trágico moderno*: uma leitura do Brasil. São Paulo: Unimarco Editora, 2004.

ROCHA, Everardo. *O que é mito*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILA, Abdulai. A última tragédia. In: *Mistida* (Trilogia). Praia: Instituto Camões, 2002, p. 17-171.

Recebido em 13 de julho e aprovado em 23 de outubro de 2012.